

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FÁBIO GABRIEL TAVARES PRAXEDES

**GASLIGHTING COMO VIOLÊNCIA GRAMATICAL:  
UMA LEITURA WITTGENSTEINIANA**

RECIFE  
2024

FÁBIO GABRIEL TAVARES PRAXEDES

**GASLIGHTING COMO VIOLÊNCIA GRAMATICAL:  
UMA LEITURA WITTGENSTEINIANA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva.  
Co-orientadora: Profª. Dra. Janyne Sattler.

Recife  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Praxedes, Fábio Gabriel Tavares.

Gaslighting como violência gramatical: uma leitura wittgensteiniana /  
Fábio Gabriel Tavares Praxedes. - Recife, 2024.

34 p.

Orientador(a): Marcos Antonio da Silva Filho

Coorientador(a): Janyne Sattler

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -  
Bacharelado, 2024.

1. Epistemologia feminista. 2. Gaslighting. 3. Injustiça epistêmica. 4.  
Violência gramatical. 5. Wittgenstein. I. Silva Filho, Marcos Antonio da .  
(Orientação). II. Sattler, Janyne. (Coorientação). IV. Título.

120 CDD (22.ed.)

FÁBIO GABRIEL TAVARES PRAXEDES

**GASLIGHTING COMO VIOLÊNCIA GRAMATICAL:  
UMA LEITURA WITTGENSTEINIANA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em: 14 de março de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS ANTONIO DA SILVA FILHO**  
Data: 20/03/2024 15:06:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva Filho (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Janyne Sattler (Co-orientadora)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Camila Rodrigues Jourdan (Examinadora externa)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho e a conclusão de minha graduação à memória de Carlos Fernando de Oliveira Praxedes, meu falecido avô, que não pode ver os resultados de todo seu incentivo. Espero que esteja orgulhoso de seu neto

## AGRADECIMENTOS

À Marcos Silva, meu professor, orientador, companheiro e amigo de pesquisa, por todos incentivos, conversas e conselhos. Sua participação na minha formação certamente extrapola e muito qualquer formalidade acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológica (CNPq) e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propesqi – UFPE), pelas bolsas de iniciação científica (Pibic) que venho tendo desde o ano passado e que certamente foram fundamentais para que eu tivesse um vislumbre do que esperar de uma carreira sendo pesquisador em filosofia.

Ao Departamento de Filosofia da UFPE, em especial aos professores Sandro Sena e Érico Andrade por sempre me estimularem em minhas empreitadas filosóficas.

À todos meus amigos e amigas que fizeram parte do meu percurso durante toda a graduação.

Ao meu namorado, Akira Alves, pelo companheirismo, por todas horas a fio de conversa, por todo apoio, carinho e por sempre me acolher nos momentos difíceis. Certamente todas as partidas que jogamos enquanto conversávamos sobre novas ideias foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, à toda minha família pelo apoio, amor e incentivo que sempre me ofereceram. Nomeadamente, Fábio Praxedes, meu pai, Erika Praxedes, minha mãe, e a meus amigos de quatro patas que tanto amo, Theodoro, Napoleão, Caramelo, Leopoldina, Hope e, mais recentemente, Pérola, por sempre estarem ao meu lado.

## RESUMO

Gaslighting pode ser entendido enquanto um tipo de manipulação na qual a vítima é induzida a pôr em dúvida suas próprias percepções, experiências e sanidade. Para compreender qual a natureza do tipo de dúvida que surge nas vítimas de casos de gaslighting, Trächtler em seu artigo *From Doubt to Despair – A Wittgensteinian Perspective on Gaslighting* (2022) busca explicitar como é possível que alguém seja levado a suscitar autoquestionamentos sobre assuntos tão fundamentais. Para tanto, a autora apresenta uma conceituação do gaslighting enquanto um tipo de injustiça epistêmica, valendo-se desse conceito da forma que foi apresentado pela Fricker em *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (2007). Além disso, a partir de reflexões wittgensteinianas majoritariamente presentes no *Sobre a Certeza* (2023), Trächtler fornece também uma discussão detalhada sobre a natureza de nossas práticas de duvidar. De modo a delinear quais são as condições, os limites e os tipos de dúvidas, a fim de compreender de que forma dúvidas do tipo “Será que estou louca?”, “Como sei que não estou imaginando coisas?” e “Será que não estou sendo apenas muito sensível?” se fazem presentes em casos de gaslighting e levam a vítima ao desespero. Contudo, na medida que a própria autora aponta que os autoquestionamentos presentes na prática gaslighting violam os limites de nossas gramáticas de jogos de linguagem cotidianos, consideramos incoerente interpretar que o dano causado nessa prática incida prioritariamente sobre o âmbito epistêmico da vítima. Nesse sentido, em contraposição a perspectiva apresentada pela Trächtler, argumentamos que, em consonância com as noções wittgensteinianas apresentadas pela própria autora, o gaslighting deva ser mais adequadamente compreendido enquanto uma forma de violência gramatical.

**Palavras-chave:** Epistemologia feminista; Gaslighting; Injustiça epistêmica; Violência gramatical; Wittgenstein.

## ABSTRACT

Gaslighting can be understood as a kind of manipulation in which the victim is induced to doubt their own perceptions, experiences and sanity. To understand the nature of the type of doubt that arises in victims of cases of gaslighting, Trächtler in her article *From Doubt to Despair – A Wittgensteinian Perspective on Gaslighting* (2022) seeks to explain how it is possible for someone to be led to raise self-questions on such fundamental subjects. To this end, the author presents a conceptualization of gaslighting as a type of epistemic injustice, using this concept in the way it was presented by Fricker in *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (2007). Furthermore, based on Wittgensteinian reflections mostly present in *On Certainty* (1969), Trächtler also provides a detailed discussion about the nature of our practices of doubting. In a way to outline what the conditions, limits and types of doubts are, in order to understand how doubts such as “Am I crazy?”, “How do I know I’m not imagining things?” and “Am I just being too sensitive?” are present in cases of gaslighting and drive the victim to despair. However, as the author herself points out that the self-questioning present in gaslighting violates the limits of our grammar of everyday language games, we consider it incoherent to interpret that the damage caused in this practice focuses primarily on the epistemic ambit of the victim. In this sense, in contrast to the perspective presented by Trächtler, we argue that, in line with the Wittgensteinian notions presented by the author herself, gaslighting should be more adequately understood as a form of grammatical violence.

**Key-words:** Epistemic injustice; Feminist epistemology; Gaslighting; Grammatical violence; Wittgenstein.

“Será que eu não poderia simplesmente estar louco, deixando de duvidar daquilo de que forçosamente deveria duvidar?” (Wittgenstein, 2023, §223)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 GASLIGHTING E O <i>SOBRE A CERTEZA</i>.....</b>	<b>12</b>
2.1 GASLIGHTING ENQUANTO UM TIPO DE INJUSTIÇA EPISTÊMICA.....	13
2.2 CONDIÇÕES, LIMITES E TIPOS DE DÚVIDA: PAVIMENTANDO O CAMINHO RUMO AO DESESPERO.....	15
<b>3 GASLIGHTING ENQUANTO UM TIPO DE INJUSTIÇA EPISTÊMICA?.....</b>	<b>24</b>
3.1 DIFICULDADES CONCEITUAIS DA CONCEPÇÃO DO GASLIGHTING ENQUANTO INJUSTIÇA EPISTÊMICA.....	24
3.2 GASLIGHTING COMO UMA FORMA DE VIOLÊNCIA GRAMATICAL.....	26
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Imagine as seguintes situações<sup>1</sup>:

1. Uma pessoa não-binária AFAB (assigned female at birth, em tradução literal, designada mulher ao nascer), Iara, foi para o aniversário de uma amiga de longa data. Ao chegar na festa, encontrou um antigo namorado, Júlio, que por acaso também era amigo da aniversariante. Apesar de ter ficado desconfortável, ela ainda o cumprimentou e conversou educadamente nos momentos que convinham. Após o fim da festa, quando Iara se encontrou com seu atual namorado, Manuel, eles conversaram sobre como foi o aniversário e ela comentou casualmente sobre o inconveniente de ter se deparado com Júlio.

Após o diálogo, Manuel passou a se comportar de maneira distante e evasiva, algo que fazia frequentemente após discussões, porém, ao ser questionado sobre, respondia ironicamente que não havia nada de errado. Após Iara passar horas tentando dialogar, Manuel enfim decidiu conversar, quando já era perceptível o quão desestabilizada ela estava. Ele explicou que ficou enciumado com o ocorrido, pontuando que ela já deveria saber que não seria uma situação aceitável, argumentando que o problema não era que ele não confiasse nela, mas que ele não confiava nem em Júlio, nem nos amigos dela, pois eles não a protegeriam caso Júlio tentasse algo contra ela.

Nesse cenário, Iara, já bastante abalada com toda situação, explicitou que não sabia que ele estaria lá e que interagiram minimamente, mas ainda sim não via sentido em desconfiar de seus amigos. Foi então que Manuel passou a fazer reivindicações mais incisivas, acusando-a de não estar sendo razoável com ele, afirmando que, como sempre, ela estava agindo como louca, sendo impaciente, descontrolada e rude. Diante dessas circunstâncias, Iara reconheceu que havia se alterado no decorrer da discussão e, por conta disso, acabou por concordar com as reivindicações de Manuel e pediu desculpas a ele. Através da repetição dessa dinâmica em diversas ocasiões, gradualmente Manuel passou a isolar cada vez mais Iara de seus amigos e passou a ter controle sobre diversos aspectos da vida dela, como desde com quem ela podia sair, até quando e que horas voltaria.

2. Ângela, uma mulher trans jovem adulta, recentemente conseguiu emprego num estúdio de tatuagem. Aproximadamente um mês após sua contratação, ela começou a se relacionar romanticamente com seu chefe, Bruno, que é um homem mais velho. Após certo tempo saindo juntos, em dado dia depois de uma festa entre amigos e membros do estúdio, Bruno se ofereceu para levar Ângela para dormir em sua casa e ela aceitou, pois já estava tarde e, diferente dela, ele morava perto. Nessa noite, Bruno tentou violentar sexualmente Ângela.

---

<sup>1</sup> Ambos exemplos se baseiam em acontecimentos reais, porém nomes e detalhes foram alterados.

No dia seguinte, ela passou a se comportar de maneira evasiva com relação a Bruno, que ficou pressionando Ângela a falar o motivo da mudança de comportamento dela. Eventualmente, Ângela acabou contando o motivo, explicitamente apontando que o que ele havia feito com ela se tratava de um abuso. Em resposta, Bruno tentou se justificar afirmando que não havia feito o que fez por maldade, e disse que não sabia o que estava fazendo quando tudo aconteceu.

Em função da posição em que Ângela se encontrava no seu emprego, ela optou por não contar o ocorrido a nenhum de seus colegas de trabalho, não denunciar e conviver com Bruno. Apesar disso, Ângela ainda contou para amigos próximos sobre a violência que havia sofrido, e, num primeiro momento, todos ficaram bastante comovidos com o relato dela. Mas na medida em que esses mesmos amigos se aproximaram de Bruno, passaram a destacar o quão divertido ele era, afirmando que não fazia sentido ele ter feito o que fez por maldade, que provavelmente o que aconteceu não passava de um caso isolado e não era algo com que ela devesse levar tão a sério. Nesse contexto, após a gravidade do abuso que sofreu ser questionada, gradualmente Ângela passou a abrir mão da própria avaliação que havia feito da situação, se convencendo de que realmente Bruno não era uma má pessoa e que sua relutância em se reaproximar dele não fazia sentido, ao ponto de voltar a ter uma amizade com ele.

Diante dos exemplos apresentados, podemos notar que ambos possuem em comum a presença de um tipo de manipulação bastante peculiar. Nas situações apresentadas, as vítimas adquiriram uma visão distorcida dos acontecimentos promovida por diferentes agentes em contextos distintos, ambas sendo levadas a deixar de confiar em si mesmas. Nesse sentido, estamos diante de casos característicos de *gaslighting*, prática na qual a vítima é manipulada a colocar em dúvida suas próprias percepções, experiências e compreensão de eventos (*APA Dictionary of Psychology*, “*gaslight*”). Uma prática nociva que recentemente tem sido cada vez mais objeto de reflexões filosóficas em função dos avanços dos estudos na área de epistemologia feminista.

O termo *gaslighting* se origina como uma expressão que faz referência a praticar algo semelhante ao que ocorre na peça "*Gas Light*" de Patrick Hamilton de 1938, a qual após seis anos, em 1944, foi adaptada para um filme com o mesmo nome dirigido por George Cukor. Ambas mídias contam a história de um homem que busca encontrar uma fortuna pertencente à falecida tia de sua esposa que supostamente se encontra na casa na qual o casal acabou de se mudar; tudo isso sem que a esposa saiba da existência dessa fortuna.

Para tanto, o marido se utiliza de uma série de truques, dentre eles fazer com que as luzes a gás da casa falhem (daí se origina o nome do filme) para fazer com que sua esposa pense estar

enlouquecendo<sup>2</sup> e aos poucos perca confiança em suas próprias capacidades cognitivas; deixando de representar uma ameaça ao plano de seu esposo, pois sempre que relatava as estranhas ocorrências ao marido, ele sempre respondia dizendo-a que tudo não passava apenas de sua imaginação, ou coisa semelhante. Dessa forma, a dúvida sistemática e constante do marido provocou o autoquestionamento sistemático e constante da esposa. Isto redundou em um dano psicológico no qual há uma insegurança generalizada em fazer sentido de coisas mais básicas.

Nesse contexto, no presente trabalho propomos que, apesar de apresentar relevantes elementos epistêmicos, a prática do *gaslighting* pode ser mais adequadamente compreendida como uma forma de violência gramatical. Diferente da leitura apresentada pela filósofa Jasmin Trächtler (2022) que a concebe enquanto um tipo de injustiça epistêmica. De modo que não negamos o lado epistêmico e injusto da violência, mas acreditamos que são consequências de algo mais profundo: o ataque sistemático e, em alguns casos, o aniquilamento da gramática de certezas fulcrais da vítima, daquilo que fundamenta sua imagem de mundo. Para tanto, situamos o debate em um pano de fundo pragmatista linguístico tal como presente nos textos tardios do filósofo Ludwig Wittgenstein (2023, 2022), os quais utilizaremos como fio condutor de toda nossa reflexão.

A noção motriz da abordagem que propomos sobre o *gaslight* reside na compreensão wittgensteiniana de uma distinção categorial entre certeza e conhecimento. Na medida em que entendemos que nossas práticas epistêmicas de justificação de conhecimentos repousam sobre uma gramática, sobre um sistema de crenças inferencialmente articuladas<sup>3</sup>, temos que nossas certezas possibilitam nossas práticas relacionadas à dúvida<sup>4</sup> e determinam nosso uso de vocabulário epistêmico. De modo que, ao passo que o *gaslighting* aqui é compreendido enquanto uma prática nefasta na qual alguém é induzido a duvidar de suas crenças mais básicas, ao ponto de questionar sua capacidade de fazer sentido em seus julgamentos, os danos do *gaslighting* incidem diretamente sobre nossa gramática, uma vez que a confiança em tal capacidade não se dá no âmbito do conhecimento, mas sim da certeza.

Dessa forma, argumentamos que o *gaslighting* evidentemente põe em questão elementos epistêmicos, porém o faz na medida em que se esforça por desarticular toda a rede inferencial de crenças de um indivíduo, em última instância, minando até mesmo sua capacidade de veicular

---

<sup>2</sup> Assim como pontuado pela Mckinnon (cf. Mckinnon, 2017, nota 9, p. 2) o termo “enlouquecer” é notadamente um termo capacitista, contudo optamos por utilizá-lo por conta da carga semântica atrelada ao termo ser justamente o que o marido tem como objetivo imputar à sua esposa na obra.

<sup>3</sup> A interpretação que apresentamos de que nossa gramática é articulada inferencialmente de modo a formar uma rede inferencial onde diversas crenças se apoiam mutuamente se baseia diretamente no inferencialismo semântico de Robert Brandom (1994, 2000) enquanto tomado como inspiração para a leitura que fazemos do *Sobre a Certeza. Uma concepção semelhante de gramática é apresentada por Jourdan e Rosa em Gramática e Necessidade* (2013).

<sup>4</sup> cf. Wittgenstein, 2023, §115 e §354.

significado e fazer sentido do mundo a sua volta. Nesse sentido, o gaslighting não deve ser lido apenas como uma prática injusta, mas sim como eminentemente violenta, que pode causar danos psicológicos severos, por desarticular ou mesmo aniquilar a visão de mundo da vítima, podendo levar até mesmo a quadros de depressão clínica<sup>5</sup>, tratando-se de uma prática violenta de desarticulação de sentido.

Além disso, compreendemos que o que é atacado no gaslighting não é somente a veracidade das crenças de um agente epistêmico, mas principalmente toda uma gramática que possibilita a articulação de sentido e significado de nossas práticas linguísticas, o fundamento de nossa imagem de mundo. De modo que reconhecer a violência do gaslighting enquanto algo que incide prioritariamente sobre o âmbito epistêmico da vítima se trata de uma visão insuficientemente adequada para compreender tal fenômeno. Nesse sentido, os impactos psicológicos nocivos sofridos por uma vítima de gaslighting decorrem grandemente da aniquilação sistemática e gradual de sua capacidade de articulação de sentido.

Isto posto, nossa argumentação em função da defesa dessa perspectiva se divide em dois momentos, um expositivo e um argumentativo, respectivamente correspondentes às seções 2 e 3. Na seção 2 apresentamos a argumentação da Trächtler em função da conceituação do gaslighting enquanto uma forma de injustiça epistêmica e reconstruímos o itinerário wittgensteiniano que a autora apresenta ao caracterizar o tipo de dúvida que surge na vítima de gaslighting. Já no capítulo 3 nos valemos das mesmas reflexões wittgensteinianas apresentadas pela autora para tecer uma série de críticas a sua caracterização do gaslighting enquanto um tipo de injustiça epistêmica, destacando pontos de divergência e concordância. Por fim, argumentamos a favor da concepção do gaslighting enquanto um tipo de violência gramatical e avaliamos as implicações derivadas de tal proposta.

## **2 GASLIGHTING E O SOBRE A CERTEZA**

No texto *From Doubt to Despair – A Wittgensteinian Perspective on Gaslighting* (2022), a Trächtler se esforça por 1) apresentar sua concepção do que é o gaslighting e que tipo de injustiça se trata, 2) caracterizar o tipo de questionamento que surge em vítimas de gaslighting, e 3) responder como é possível que essas dúvidas levem alguém ao desespero. Para isso, ela começa por apresentar diferentes caracterizações do fenômeno do gaslighting antes de apresentar sua própria caracterização através da noção de semelhança de família, concebendo-o como uma forma de injustiça epistêmica. Posteriormente, se utilizando de reflexões wittgensteinianas, em grande medida, presentes no *Sobre a Certeza* (2023), ela delimita quais seriam os limites e condições em

<sup>5</sup> cf. Abramson, 2014, p. 23 e McKinnon, 2017, p.7.

que nossas práticas de duvidar se dão. Desse modo, distingue e delinea os tipos de dúvidas que fazem sentido de serem suscitadas dentro de nossa gramática e quais vão de encontro às normas de nossas práticas de duvidar. Por fim, a autora conclui aplicando essas reflexões ao tipo de dúvida presente no *gaslighting*, apontando como é possível ir da dúvida ao desespero.

Assim, para apresentar a argumentação da autora, este capítulo está dividido em duas sessões. Na subseção 2.1 abordamos como a Trächtler compreende o fenômeno do *gaslighting* e de que forma ela o considera como um tipo de injustiça epistêmica. Já na subseção 2.2, apresentamos o itinerário wittgensteiniano percorrido pela autora de reflexões acerca dos tipos, condições e limites de nossas práticas de duvidar, reconstruindo a argumentação apresentada pela autora a respeito de como é possível ir da dúvida ao desespero.

## 2.1 GASLIGHTING ENQUANTO UM TIPO DE *INJUSTIÇA EPISTÊMICA*

Trächtler se debruça sobre o *gaslighting* a partir do posicionamento apresentado pela Kate Abramson em seu célebre artigo *Turning Up the Lights on Gaslighting* (2014) no qual Abramson se mostra criticamente resistente a uma conceituação do *gaslighting* enquanto um tipo de injustiça testemunhal, um dos tipos de injustiça epistêmica apresentado pela Miranda Fricker. Nesse sentido, Trächtler compreende que apesar de certos casos de *gaslighting* serem adequadamente abarcados pela compreensão de injustiça testemunhal apresentada pela Fricker, compreensão que entende que tal injustiça ocorre “if and only if she [the victim] receives a credibility deficit owing to identity prejudice in the hearer; so the central case of testimonial injustice is identity-prejudicial credibility deficit” (2007, p. 28. apud. Trächtler, *ibid.*, p. 79), tal concepção não faz justiça à complexidade e às nuances que o fenômeno apresenta<sup>6</sup>. Apesar de podermos analisar o exemplo 2 que fornecemos na introdução como, em certa medida, se tratando de uma injustiça testemunhal, o *gaslighting* não necessariamente versa sobre a desacreditação de relatos de experiências pessoais,

Nessa perspectiva, a Trächtler argumenta que o termo *gaslighting* deve ser melhor compreendido através da noção wittgensteiniana de semelhança de família. De modo a entender que não devemos buscar o conjunto de características necessárias e suficientes que fariam com que fôssemos capazes de abarcar o fenômeno por completo em uma definição, mas que devemos nos ater a uma caracterização útil que abarca uma multiplicidade de casos apontando para uma série de características variadas e recorrentes, não fixas (cf. Trächtler, 2022, p. 81). Dessa forma, apesar de não reconhecer que o *gaslighting* deva ser compreendido caracteristicamente como um tipo de

---

<sup>6</sup> É interessante pontuar que a Trächtler reconhece que o objetivo inicial da Fricker na elaboração do conceito de injustiça epistêmica era lidar com um tipo de injustiça mais sutil, tácito, que não necessariamente abrangeria algo como o *gaslighting*, como a própria Fricker comenta em *Evolving Concepts of Epistemic Injustice* (2017).

injustiça testemunhal no sentido frickeriano, Trächtler concorda em enquadrar tal prática no conceito de injustiça epistêmica frickeriano, conceito esse que compreende a noção de injustiça epistêmica como consistido “in a wrong done to someone specifically in their capacity as a knower” (Fricker, 2007, p. 1).

Desse modo, nas palavras da autora: “gaslighting can be seen as *characteristically* involving a form of epistemic injustice, namely insofar as in gaslighting, a person is manipulated into doubting their own understanding of reality and is thereby harmed “specifically in their capacity as a knower” (ibid., p. 1)” (Trächtler, 2022, p. 81, grifo da autora). Assim, a autora se esforça por caracterizar o gaslighting enquanto um tipo de injustiça epistêmica, mas que não *necessariamente* se trata de uma injustiça testemunhal<sup>7</sup>, de maneira que tanto o exemplo de Iara, quanto de Ângela, podem ser adequadamente compreendidos não somente enquanto casos de gaslighting, mas também de injustiça epistêmica.

Uma vez que a autora reconhece o gaslighting enquanto um tipo de injustiça, as dimensões éticas e políticas dessa prática se tornam proeminentes, de maneira que, se valendo de reflexões apresentadas pela Abramson (2014), ela destaca que a presença de algum quadro de assimetria entre as partes envolvidas desempenha um papel crucial para que casos de gaslighting possam ocorrer (cf. Abramson, 2014, p. 19). Nesse sentido, indivíduos atravessados por marcadores sociais diversos estão mais ou menos suscetíveis a experienciar o gaslighting de maneira interseccional relativa a suas próprias peculiaridades.

Com isso, torna-se possível compreender de que forma esse tipo de injustiça está fortemente atrelada ao sexismo e à misoginia, posto que, apesar do gaslighting não necessariamente ser sexista ou misógino, esse tipo de assimetria de poder decorrente desses preconceitos é tão pervasivo em nossas práticas sociais que caracteristicamente são uma das principais ferramentas que o *gaslighter* se utiliza, conscientemente ou não, como vantagem sobre seu alvo<sup>8</sup>. Dessa forma, é imprescindível compreender o papel que as transgeneridades de Ângela e Iara nos exemplos 1 e 2, em oposição a cisgeneridade masculina de Manuel e Bruno, desempenharam para que ambas fossem vitimadas com sucesso.

Diante do que foi exposto, concluímos a apresentação da caracterização fornecida pela autora do que ela entende por gaslighting e que tipo de injustiça ocorre nesse tipo de prática. Assim,

<sup>7</sup> Apesar dessa discordância, é importante salientar que a própria Trächtler destaca a relevância do conceito de injustiça testemunhal para compreensão de certos casos de gaslighting que envolvem a descredibilização de um testemunho em função da presença de um preconceito no ouvinte, como o abordado em McKinnon 2017.

<sup>8</sup> Optamos por utilizar o termo “alvo” e não o termo “vítima” por este último implicar que toda vez que o *gaslighter* atua, ele de fato é eficiente em vitimar alguém. Contudo, ao concebermos que o *gaslighter* possui um alvo, ele pode errar o alvo, ou o alvo pode não ser “vitimado” por ser muito resistente.

na seção seguinte apresentaremos a análise realizada por ela sobre nossas práticas de duvidar, baseadas em reflexões wittgensteinianas, para posteriormente aplicar tais reflexões ao contexto do *gaslighting*.

## 2.2 CONDIÇÕES, LIMITES E TIPOS DE DÚVIDA: PAVIMENTANDO O CAMINHO RUMO AO DESESPERO.

Para que possamos compreender como é possível que a partir do surgimento de certas dúvidas em uma vítima de *gaslighting* a mesma acabe por ser levada ao desespero, a Trächtler nos apresenta uma série de reflexões wittgensteinianas na tentativa de apontar de que modo o *gaslighting* se relaciona com nossas práticas cotidianas de duvidar. Para tanto, a autora parte das objeções do Wittgenstein em relação aos truísmos apresentados por G. E. Moore presentes nos textos *Uma Defesa do Senso Comum* (1925) e *Prova de um Mundo Exterior* (1936), tais como “Existe presentemente um corpo humano vivo, que é o meu corpo.”, “este corpo nasceu há algum tempo no passado, e existiu continuamente desde então.” e “sou um ser humano”.

Todos esses truísmos, dentre muitos outros, Moore diz saber, com certeza, serem verdadeiros, de modo a apresentar a expressão “Eu sei que...” antecedendo cada uma dessas sentenças como justificativa suficientemente adequada de seu conhecimento; com esse tipo de afirmação o Moore espera impedir a formulação de conclusões céticas a respeito do mundo. Estimulado fortemente por esses textos de Moore, L. Wittgenstein escreveu uma série de anotações contendo investigações que foram postumamente publicadas enquanto *Sobre a Certeza*.

Dentre outros tópicos, o principal ponto do Wittgenstein em objeção aos truísmos apresentados por Moore era com relação ao uso da expressão epistêmica “eu sei” onde já não se estava mais a falar sobre conhecimento. Para Wittgenstein, há uma diferença categorial entre certeza e conhecimento, como afirma Moyal-Sharrock na seguinte passagem: “He [Wittgenstein] takes Moore to task for confusing knowledge with the non-epistemic brand of conviction that logically underlies it, and he drives a categorial wedge between them: “‘Knowledge’ and ‘certainty’ belong to different categories” (OC §308)” (2017, p. 548), de modo que tanto certos céticos ao afirmarem não ser possível conhecermos nada, quanto pensadores como Moore, que afirma ser plenamente possível *saber* com *certeza* coisas a respeito do mundo, ambos estão a confundir duas categorias distintas, .

Desse modo, a autora prossegue apontando que, assim como argumentado pelo Wittgenstein, em circunstâncias cotidianas, o tipo de sentença que Moore diz conhecer com certeza nem sequer chega a ser algo que faz sentido ser posto em dúvida. Ademais, não só não é posto em

dúvida, como também pode-se considerar um critério de razoabilidade não por tais coisas em questão, pois no nosso jogo de linguagem de duvidar, para que possamos duvidar de algo, é preciso que certas outras coisas estejam isentas de dúvida.

Nesse sentido, a Trächtler enfatiza duas características que ela julga serem principais relativas a noção de que o próprio ato de duvidar, pressupõe certeza. Primeiramente, ela aponta para o fato de que, dessa noção, decorre que para que possamos suscitar qualquer dúvida que seja, é preciso que algo permaneça fixo, estável, de modo a viabilizar a própria prática da dúvida, assim uma dúvida que tentasse pôr tudo em questão, não seria logicamente possível; nesse tópico, a autora chega a defender que a dúvida hiperbólica cartesiana só pôde alcançar o cogito por ter isentado de dúvidas o significado das próprias palavras que usou no decorrer de sua dúvida. Em seguida, a autora enfatiza a noção de que não somente para que haja dúvidas, é necessário que haja algo que permaneça isento de dúvida, mas também que *certas* dúvidas pressupõem logicamente *certas* certezas, como aponta na seguinte passagem se referindo às dúvidas céticas totalmente abrangentes: “particular certainties are logically presupposed by particular questions and doubts corresponding to or correlating with them [...]” (Trächter, 2022, p. 85). Desse modo, a autora pontua que nossas dúvidas só possuem significado uma vez que se localizam e são cabíveis em nosso quadro de referências.

Ao passo que destaca essas características, a autora pontua que a crítica tecida por Wittgenstein às proposições apresentadas por Moore reside no mau uso realizado por Moore do vocábulo epistêmico “eu sei que”, ao elencar que “sabe com certeza” o tipo de proposição que está a afirmar. Moore acredita que essas proposições são truísmos conhecidos com certeza, já Wittgenstein evidencia que elas possuem um estatuto lógico-gramatical, isto é, servem de parâmetro para fixação do significado de nosso vocabulário através do uso regrado que fazemos de expressões linguísticas. A verdade de proposições tais como as elencadas por Moore não se apresenta como uma questão significativa cotidianamente, pois sua verdade pertence ao nosso sistema de referências (cf. Wittgenstein, 2023, §83).

Assim, na medida em que essas proposições desempenham um papel fundamental em nossas práticas concernentes a nosso jogo de linguagem, a autora destaca que:

For, that which is fixed for us, those hinges on which our doubts first turn, are, among other things, such fundamental assumptions as Moore lists in his Defence of the Common Sense: although we do not explicitly learn such propositions as “I am a human being”, they form a “nest” of interwoven, fundamental beliefs, they are concluding points of doubt and justification and describe our *world picture* (cf. Schulte 2016a, 255). (Trächtler, 2022, p. 85, grifo da autora).

Dessa forma, o que Moore faz ao listar uma série de proposições que crê serem verdadeiras, com certeza, é tentar atribuir um estatuto epistêmico a proposições que não se encontram no âmbito do conhecimento em nossas práticas cotidianas, mas formam o quadro a imagem de mundo na qual nossas práticas epistêmicas ocorrem.

Diante disso, Trächtler prossegue ao ressaltar que caso alguém tentasse duvidar das hinges<sup>9</sup> que descrevem a nossa imagem de mundo, isso sequer seria reconhecido enquanto uma dúvida legítima, mas antes como “loucura”. Utilizando-se de um exemplo do próprio Wittgenstein, no qual o autor nos apresenta o seguinte cenário: “se alguém me dissesse que duvidava de que tem um corpo, eu o consideraria meio louco. Eu não saberia, porém, o que significaria convencê-lo de que tem um corpo. E se eu dissesse algo, e isso então afastasse sua dúvida, então não saberia como nem por quê” (2023, §257). Que tipo de justificativa poderíamos oferecer para essa pessoa? Será que entendemos realmente o que ela quer dizer com duvidar que possui um corpo? Esse tipo de questionamento viola nossa gramática, nossos critérios de fixação do significado e conseqüentemente interdita nossa capacidade de fazer sentido pelas regras públicas do uso de um termo.

Nesse exemplo, a autora aponta para a impossibilidade de convenceremos essa pessoa, ou caso a convencêssemos de que possui um corpo, não saberíamos dizer como isso foi possível, uma vez que não sabemos o que conta como justificção para uma dúvida que questiona o que geralmente tomamos como certo em nossas justificações. O que está sendo posto em dúvida nessa questão está fora de nossas práticas epistêmicas, pois antes constitui o quadro de referência onde essas práticas ocorrem. Sobre esse ponto argumenta a Trächtler: “what counts in each case as a reason and argument, or as sufficient check, in relation to a belief or a state of affairs, is admittedly justified insofar as the propositions of our world picture do not constitute “single axioms” but form “a system in which consequences and premises give one another mutual support” (OC, 142)” (Trächtler, p. 87).

Isto posto, a Trächtler segue por evidenciar que na medida que não obtivemos nossa imagem de mundo por nos convenceremos de sua correção, mas por termos sido introduzidos nela, reafirmações de nossas certezas não fariam com que o grau do quanto consideramos algo certo aumentasse. Para exemplificar isso, a autora argumenta que não ficamos cada vez mais convencidos de que o resultado de uma equação é certo proporcionalmente ao número de vezes que checamos

---

<sup>9</sup> Optamos por não traduzir o termo, pois não queremos, neste trabalho, nos comprometer com as diferenças conceituais decorrentes da escolha entre “certezas fulcrais”, “proposições eixo”, “proposições dobradiças” e variantes.

se cometemos um erro, mas nos satisfazemos checando algumas vezes e tomamos o resultado do cálculo como certo, mesmo onde um erro ainda seria possível.

O mesmo pode ser dito quando estamos em dúvida se ao sairmos de casa, deixamos a porta trancada ou não, basta checar uma ou duas vezes e geralmente nos satisfazemos. Para que nossas dúvidas tenham a possibilidade de ser sanadas, é preciso que a dúvida em questão faça sentido de ser suscitada no interior de nossa gramática, seja considerado razoável que alguém tenha tal dúvida dado certo quadro de referências, uma vez que o que serve ou não como justificativa depende das hinges que constituem nossa imagem de mundo.

De maneira que se alguém colocasse sistematicamente algo em dúvida e não se satisfizesse com o que geralmente consideramos como justificativa suficiente para sanar nossas dúvidas, para nós essa pessoa estaria apresentando um quadro patológico ou se trataria de um filósofo. Por exemplo, se alguém pusesse em dúvida a existência de uma determinada árvore, poderíamos entender que isso significa algo como “está nublado e não sei se aquela silhueta é de uma árvore”. Poderíamos simplesmente nos aproximarmos da árvore e tocá-la para sanar essa dúvida, mas caso a dúvida persistisse e descobríssemos que, em verdade, o questionamento significa algo como “eu não sei se árvores existem objetivamente fora da minha mente” entenderíamos que essa pessoa talvez apresente um quadro de alucinação, ou apenas esteja fazendo uma questão filosófica.

Nesses termos, a Trächtler pontua que o tipo de argumento que o Moore apresenta na *Prova de Um Mundo Exterior* para impedir questionamentos céticos a respeito da existência de um mundo externo não satisfaz esse tipo de questionamento, pois a premissa a qual o Moore se vale “eis aqui uma mão” toma como previamente certo justamente aquilo que ele está tentando provar. Analogamente, em dúvidas céticas nas quais o que está sendo posto em questão são certezas que fazem parte da nossa gramática, nós não sabemos o que contaria como justificação válida para sanar esse tipo de questionamento.

Ao colocarmos em questão os próprios critérios que utilizamos para justificar nossas dúvidas e embasar nossas práticas epistêmicas, desarticulamos a própria possibilidade de justificação e não sabemos sequer se ainda estamos falando de uma dúvida legítima, como a autora afirma no seguinte trecho: “when, as in the case of sceptical doubt, our hinges and thus the framework of our epistemic practices are radically questioned, the whole structure in which consequences and premises mutually support each other begins to crumble” (ibid., p. 89). Em função dessa visão, a autora prossegue por argumentar da seguinte forma:

[...] As a result, it is fundamentally no longer clear what counts as evidence and what does not, *what* is to be tested by *what*, and consequently, it is also unclear, how the sceptical doubts could be remedied – this is what Wittgenstein means when he says

that *something* must be certain in order to be able to doubt at all (cf. OC, 115). (ibid., grifo da autora)

Ora, o que a Trächtler está apontando é precisamente para a necessidade da fixação de critérios para que possamos fornecer justificativas a favor ou contra algo. Ao passo que nas dúvidas céticas colocamos em dúvida justamente esses critérios, não mais temos parâmetros fixos para decidir o que poderia ser considerado uma justificativa válida ou não, o que serviria de teste adequado ou não para sanar a dúvida em questão. Nesse sentido, a autora conclui ao argumentar que pelo fato da dúvida cética não poder ser sanada por princípio, então sequer estaríamos falando de dúvida nesse caso, como afirma em: “[...] if a doubt is such that it cannot be remedied in principle, then it is actually no longer possible to speak meaningfully of a ‘doubt’ here” (Trächtler, 2022, p. 89).

Assim, a filósofa nos apresenta de que forma o tipo de dúvida evocada por pensadores céticos não faz sentido na medida que se choca diretamente com os limites gramaticais das nossas práticas epistêmicas, ou seja, os limites que articulam o sentido do uso de expressões linguísticas, minando o próprio solo sobre o qual nossas dúvidas se apoiam.

A partir do que foi exposto, a Trächtler apresenta o quão interessante é o fato de que filósofos e pessoas que supostamente apresentam alguma patologia possam ter como objetivo de dúvida as mesmas coisas, tal como a existência de seu próprio corpo, porém de modo que um filósofo não vá ser considerado louco. Numa situação cotidiana, esse tipo de pergunta uma vez evocada, dificilmente seria respondida a sério, talvez sequer entenderíamos como uma pergunta. Contudo em um contexto filosófico, não só talvez levássemos a sério, como quiséssemos tentar responder e justificar nossa resposta tal como Moore, Descartes e Kant fizeram, respectivamente, na *Prova de Um Mundo Exterior*, nas *Meditações sobre filosofia primeira* e no prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*; este último chegou a afirmar que “não deixa de ser um escândalo para a filosofia e para o senso comum em geral que se admita apenas a título de crença a existência das coisas exteriores a nós” (Kant, 2001, BXXXIX nota).

Nesse contexto, a Trächtler nos apresenta uma classificação de nossas dúvidas já aludida pelo próprio Wittgenstein, são elas: dúvidas práticas e dúvidas filosóficas, ou teóricas<sup>10</sup>. As dúvidas práticas seriam aquelas que caracteristicamente surgem de maneira não arbitrária, isto é, não nos propomos ativamente a suscitar uma dúvida como “será que deixei a porta trancada ao sair de casa?”. Além disso, esse tipo de dúvida possui consequências práticas, geralmente a hesitação, e

---

<sup>10</sup> A autora também utiliza “teórica” para se referir às “dúvidas filosóficas” na tentativa de abarcar dúvidas concernentes a outras áreas do conhecimento, apesar de reconhecer que as questões as quais o Wittgenstein se refere com esse termo serem de cunho cético concernentes à filosofia.

usualmente o que é colocado em questão tende a ser algo específico, como se um evento ou ocorreu ou não, algum detalhe de um acontecimento, ou coisa equivalente.

Já uma dúvida teórica, tende a ser articulada de maneira arbitrária, onde nós decidimos deliberadamente questionar algo, geralmente manifestando-se através de uma investigação sistemática, e muitas vezes o objeto de dúvidas desse tipo tende a ser mais amplo, como em dúvidas do tipo “Será que cores são propriedades intrínsecas dos objetos?” ou “Qual o fundamento da confiança em nossas capacidades cognitivas?”. Ademais, usualmente esse tipo de dúvida não possui consequências em nossas ações, se questionamos sistematicamente dúvidas como as exemplificadas anteriormente, geralmente isso não representa nenhum empecilho para nossas atividades cotidianas, não apresentam implicações práticas.

Ademais, é importante destacar que a fronteira entre ambos os tipos de dúvidas não são rigidamente delimitadas e podem relacionar-se entre si, de modo a uma dúvida prática ocasionar uma dúvida teórica e vice versa. Entretanto, apesar das distinções, ambos tipos de questionamentos podem ter como objeto coisas que são razoáveis de serem postas em dúvidas a partir de nossa gramática, mas também as próprias hings que articulam nossa gramática. Nesta interpretação, o tipo de dúvida que os céticos suscitam seria uma espécie de dúvida teórica que questiona nossas próprias hings, de modo a violar nossa gramática, o que faz com que esse tipo de questionamento seja sem sentido, pois por mais que tentemos pôr em dúvida algo como “o conhecimento é possível?”, algo tem que se manter fixo para que qualquer justificação ocorra a favor ou contra (um cético não se desespera por não saber com certeza se o mundo externo, ou o chão a sua volta, existe ou não).

Por outro lado, no caso de uma dúvida prática que põe em questão alguma hing, há efeitos práticos. Se, por uma série de motivos, fôssemos levados a pôr em dúvida a nossa confiança em nossa própria capacidade de poder avaliar corretamente situações, nossos próprios sentimentos, ou nossa capacidade cognitiva, as implicações seriam devastadoras, ao ponto de perdermos nosso “[...]sense of independent moral standing, and for a time, even some of... [our] ability to engage in the deliberations constitutive of that independent standing.” (Abramson, 2014, p. 23).

Esse tipo de questionamento faria com que uma série de outras hings inferencialmente articuladas com as que estamos questionando começassem a serem atacadas simultaneamente, por exemplo, se sistematicamente colocássemos em dúvida a confiança que temos em nossa percepção, nossa confiança em nossa memória e capacidade de avaliar experiências também estariam comprometidas por estarem interligadas. Em última instância, a nossa confiança em nossa capacidade de fazer sentido seria abalada, uma vez que o conjunto dessas hings formam um ninho o qual nos atermos e que possibilita nossas práticas linguísticas (cf. Wittgenstein, 2023, §225).

Em uma situação como essa nos encontramos extremamente abalados e suscetíveis a manipulações, posto que ainda que coloquemos sob suspeita nossa confiança em certas hinged, instintivamente tendemos a nos manter abertos a argumentos futuros, como afirma a autora na seguinte passagem:

Even if certain basic assumptions are exempt from doubt, remaining accessible to further arguments is not only an essential presupposition for epistemic discourse and our ‘reasonableness’, but for our life and survival as a whole, for indeed appearances are sometimes deceptive and indeed we sometimes judge wrongly. But remaining accessible to further arguments can also be exploited when theoretical doubts are used (knowingly or unknowingly) to manipulate and unsettle people. (Trächtler, 2022, p. 93).

Retomando o contexto que apresentamos nos exemplos 1 e 2, em ambos os casos as vítimas tiveram que passar por um longo processo de reiteradamente pôr-se em dúvida. No caso de Iara, no exemplo 1, sua confiança em sua própria capacidade de avaliar situações de maneira adequada gradativamente foi sendo minada pela estratégia de Manuel de repetidamente a colocar em uma situação na qual ela fique abalada e acabe se exaltando, para então usar isso de argumento para deslegitimar qualquer objeção suscitada por Iara. Já no exemplo 2, Ângela viu a gravidade de sua experiência de ter sido abusada ser gradativamente minimizada tanto pelo abusador, quanto por seus amigos mais íntimos, o que a levou a sequer ver sentido na repulsa que sentia por Bruno e aos poucos acabou por se reaproximar dele.

Diante do exposto, finalmente estamos aptos a compreender como é possível que em casos de gaslighting, a vítima seja levada ao desespero a partir das dúvidas que a acometem. As dúvidas que surgem em decorrência do gaslighting, como possivelmente “será que faz sentido eu me sentir assim nessa situação?” no caso de Ângela e “será que não faz sentido confiar mais nele do que em mim mesma, já que ele só quer o meu bem?” no caso de Iara, são dúvidas que apresentam seríssimas implicações práticas, como a perda da autonomia da vítima (cf. Abramson, 2014), o que acaba por comprometer diversos aspectos da vivência da vítima. Além disso, na medida em que não se tratam de questionamentos deliberadamente realizados, mas sim não-arbitrários, podemos compreender que no gaslighting nos deparamos com um tipo de dúvida prática a respeito de nossas próprias hinged.

O tipo de questionamento prático decorrente dessa prática difere radicalmente de nossas dúvidas cotidianas ao versar sobre questões mais gerais e que usualmente não seriam consideradas como algo razoável de ser posto em dúvida. Conforme Trächtler aponta, no gaslighting o que é posto em dúvida é justamente a experiência e julgamentos da vítima, como caracteristicamente podemos perceber em frases comumente utilizadas nesta prática, como em “você está ficando

louca”, “você está imaginando coisas” ou “você é muito sensível”. Dessa forma, as dúvidas presentes no *gaslighting* se assemelham bastante ao tipo de dúvida suscitada por céticos, mas diferem precisamente na arbitrariedade e intenção por trás desse tipo de questionamento.

Apesar da semelhança com dúvidas céticas, no *gaslighting*, por uma série de fatores, geralmente ocorre de não podermos simplesmente repreender alguém que nos tente pôr em dúvida tais coisas repreendendo-a com algo como “sem sentido!”. No *gaslighting*, a gramática na qual nossas práticas epistêmicas se baseiam é violada na medida em que questiona-se justamente o que viabiliza qualquer possível justificação, nesses termos a autora reconhece isso como uma forma de injustiça epistêmica, como argumenta a autora na seguinte passagem:

A language game, such as the discussion of whether a certain event has taken place or how a certain fact is to be evaluated, is only possible if the speakers rely on fundamental certainties, such as the sensory perceptions, memories and other cognitive abilities of their counterpart. If this is challenged, as in *gaslighting*, the language game’s rules of ordinary discussions, which are defined by the framework of our epistemic practices, are violated: in a sense, it is playing ‘unfairly’—and this is why *gaslighting* is an injustice of an epistemic nature. (Trächtler, 2022. p. 95).

A Trächtler prossegue argumentando que apesar de ser possível que eventualmente cheguemos a esse mesmo tipo de questionamento através de uma dúvida sistemática que leva em conta, por exemplo ocasiões frequentes em que julguei situações de maneira equivocada ou me enganei com relação a experiências pessoais. Contudo, nesse caso não somos levados a questionar diversos aspectos de nosso sistema de crenças simultaneamente, mas pontos isolados cujas dúvidas relacionadas, desde que estejamos nos movendo sobre o solo de nossa gramática, são eventualmente sanadas.

Num caso de *gaslighting*, a autora destaca que um dos principais fatores que fazem com que seja possível o questionamento simultâneo de diversas das nossas crenças é o fato de que julgamos em concordância com outras pessoas; nosso conhecimento pode ser entendido como baseado no reconhecimento mútuo de outros agentes e instituições. No *gaslighting*, não é necessário que todos outros agentes estejam de acordo com as reivindicações do agressor, mas basta que meu ambiente, um grupo de confiança próximo a mim, ou mesmo um parceiro romântico no qual deposito uma forte carga emocional ressoe os questionamentos que estou sendo incitado a ter, nesse cenário estaríamos fortemente propensos a involuntariamente pôr em dúvida nossas próprias crenças, nas palavras da autora:

If one’s own views are repeatedly and over a longer period of time exposed to contradiction by certain authorities, by persons close to one, by socially prevailing views and norms, or altogether by the social environment, in short: “If I were contradicted on all sides [...], then in that case the foundation of all judging would be

taken away from me” (OC, 614), so that in such cases self-doubt *involuntarily* arises. (Trächtler, 2022 p. 96-97, grifo da autora)

Além disso, a autora também aponta que não por acaso, usualmente a vítima de *gaslighting* é exposta aos mesmos tipos questionamentos repetidas vezes de maneira sistemática por um longo período de tempo por agentes no ambiente que a cerca, de modo que esse ambiente pode ser manipulado pelo agressor e o mesmo também pode isolar a vítima de outras fontes de validação externa, deixando-a ainda mais vulnerável. Nesse sentido, a Trächtler faz eco a algo apontado pela Abramson (2014), que apesar do *gaslighting* não ser um tipo de injustiça que afeta exclusivamente mulheres, elas estão mais suscetíveis a serem vítimas de *gaslighting*. Na medida que mulheres e identidades de gênero que divergem da masculinidade cis-hetero-normativa se encontram usualmente mais propensas a porem em dúvida a validade de suas próprias capacidades cognitivas, experiências e avaliação de experiências. Nesse contexto, as normas sociais permeadas de preconceito que estruturam nossa sociedade desempenham um papel crucial para que ocorram casos de *gaslighting*<sup>11</sup>.

Uma vez que compreendemos que as dúvidas provocadas pelo *gaslighter* se manifestam enquanto dúvidas práticas na vítima, nos encontramos com ferramentas conceituais suficientes para compreendermos como é possível que a vítima possa, dessa situação, ser levada ao desespero. Na medida em que no *gaslighting* o que é colocado em dúvida são as certezas fundamentais que viabilizam nossas práticas epistêmicas, ao levarmos em consideração de maneira séria um questionamento acerca de alguma dessas certezas, diversas outras certezas são minadas e desarticuladas simultaneamente, posto que nossas crenças se organizam de forma sistemática, como afirma a autora: “In other words, “[w]hat I hold fast to is not *one* proposition but a nest of propositions” (OC, 225). This nest structure of fundamental beliefs and certainties means that one cannot depart from or doubt one of these without ‘toppling’ all the others interwoven with it [...]” (ibid., p. 98).

Ao passo que o nosso sistema de crenças encontra-se posto em dúvida em um caso como o do *gaslighting*, nossos conhecimentos e potenciais justificativas não parecem mais razoáveis, pois o próprio fundamento destas nos escapa, assim a Trächtler explicita: “When it is no longer clear what can be known at all, what can be relied on at all, the point is reached where doubts (*Zweifel*) that presuppose something as certain and can be remedied turn into despair (*Ver-zweiflung*).” (ibid., p. 99, grifo da autora). Nesse contexto, assim como a autora brinca com o fato da palavra

<sup>11</sup>Sobre esse assunto, destacamos como exemplos de abordagens do fenômeno do *gaslighting* que enfatizam quadros de preconceitos estruturais os seguintes textos: *Cultural Gaslighting* (Ruíz, 2020), *Racial gaslighting* (Davis e Ernst, 2019) e *Gaslighting, Misogyny, and Psychological Oppression* (Stark, 2019).

“desespero” em alemão ter como raiz a palavra “dúvida”, é nítido como é possível que alguém chegue a se desesperar ao experienciar um caso de gaslighting, desesperando-se por se encontrar em um nível de profunda dúvida, o que vai ao encontro do relato de muitas vítimas dessa injustiça.

### 3 GASLIGHTING ENQUANTO UM TIPO DE INJUSTIÇA EPISTÊMICA?

Neste capítulo argumentamos que a proposta da Trächtler de conceituação do gaslighting enquanto um tipo de injustiça epistêmica se apresenta como incoerente com o próprio corpus de suas reflexões wittgensteinianas a respeito da maneira que nossas dúvidas funcionam; de modo que as dificuldades conceituais decorrentes da visão fornecida pela autora parecem ir de encontro à noção de uma distinção categorial entre certeza e conhecimento. Distinção essa que evidencia que na medida em que tratamos diretamente de certezas, não tratamos de conhecimento e vice-versa, uma vez que certeza não implica em conhecimento, assim como conhecimento não implica em certeza. Para tanto, assim como a autora, iremos nos valer do *Sobre a Certeza* para apontar as incongruências entre as reflexões realizadas pela autora e sua conceituação. Além disso, a fim de propor uma melhor compreensão do fenômeno do gaslighting, defenderemos que o gaslighting pode ser conceituado mais adequadamente ao ser concebido não como uma injustiça, mas enquanto uma violência que, apesar de ter uma série de consequências epistêmicas, incide enfaticamente sobre nossa gramática, ou seja, na maneira como veiculamos sentido através do uso regrado de expressões linguísticas.

#### 3.1 DIFICULDADES CONCEITUAIS DA CONCEPÇÃO DO GASLIGHTING ENQUANTO INJUSTIÇA EPISTÊMICA

A partir da noção frickeriana de injustiça epistêmica, a Trächtler defende, dentre outras coisas, que o gaslighting deva se enquadrar nesse tipo de injustiça. Entretanto, na medida que ela localiza o tipo de dúvida que ocorre no gaslighting como atacando e desarticulando diretamente nossas certezas, notadamente há um descompasso entre sua argumentação e sua conclusão. De modo que, nos chama atenção o esforço que a autora apresenta em diversas passagens por evidenciar a relevante distinção categorial apontada pelo Wittgenstein entre certeza e conhecimento, para concluir que o gaslighting caracteristicamente deva ser compreendido enquanto um dano epistêmico.

A autora explicita em diversas passagens já apontadas acima que a causa dos danos epistêmicos presentes numa vítima de gaslighting são decorrentes do desmoronamento de todo seu sistema de crenças simultaneamente, não de discordâncias pontuais e isoladas sobre dúvidas

metodológicas. Ao passo que no *gaslighting* as regras que fundamentam nosso jogo de linguagem do cotidiano são desarticuladas, *consequentemente* nossas justificações perdem o sentido, nossas práticas epistêmicas se encontram inviabilizadas por não sabermos mais o que poderia contar como evidência, o que pode ser entendido como verdadeiro ou falso. De modo que, retomando o exemplo 1, ao passo que Iara gradativamente passou a depositar cada vez menos confiança em si própria, dedicando-a quase que exclusivamente a Manuel, para que um argumento ou sentimento apresentado por ela fosse sequer visto como válido, ou adequado, era preciso que seu parceiro reconhecesse como válido.

Do contrário, caso conseguíssemos repreender o *gaslighter* simplesmente explicitando o quão sem sentido é colocar coisas como a confiança de alguém em suas crenças mais básicas em questão, conseguiríamos manter nossa filiação a nossas certezas e assim nos movimentaríamos apenas no âmbito epistemológico. Por exemplo, no caso de Ângela, no contexto do exemplo 2, se ela tivesse repreendido seus amigos afirmando que não faz sentido colocar em questão a gravidade do abuso que havia sofrido, ela continuaria apegada a sua confiança em suas crenças e em sua própria capacidade de avaliar a situação e o caso se trataria de apenas uma discordância entre agentes.

O *gaslighting* se trata de uma dúvida sistemática sobre crenças fundamentais da vítima. De modo que gradativamente, a confiança da vítima em suas próprias hincas começa a ser minada, ao passo em que ela é exposta estrategicamente e repetidamente a situações em que supostamente aquilo que ela considerava como mais certo, foi considerado falso, ou sequer válido. Assim, na medida que a imagem de mundo, o fundamento de todas perguntas e afirmações (cf. Wittgenstein, 2023, §162), da vítima começa a ser aniquilada por conta das dúvidas em que está imersa, sua confiança em suas próprias capacidades acaba por ser deteriorada, ao ponto de sua capacidade de distinguir entre o verdadeiro e o falso, de fazer sentido, ser implodida.

Nesse sentido, se as dúvidas decorrentes do *gaslighting* só tomam dimensões tão graves na medida em que são internalizadas e reproduzidas na forma de dúvidas práticas, isso não significa dizer precisamente que um caso de *gaslighting* acontece somente quando as dúvidas provocadas pelo *gaslighter* ultrapassam o âmbito epistêmico? Afinal, não parece coerente apontar que no *gaslighting* os danos epistêmicos são *conseqüências* de uma violação gramatical, e concluir por compreender o tipo de injustiça presente no *gaslighting* enquanto proeminentemente epistêmica.

É importante ressaltar que estamos de acordo com toda apresentação realizada pela Trächtler sobre como se dão nossas dúvidas, como nossas práticas epistêmicas dependem de nossas certezas e sobre a possível classificação dos tipos de dúvidas. De maneira que endossamos sua conclusão a respeito de como é possível compreender o desespero que acomete vítimas de

gaslighting, concebendo-o como uma consequência de dúvidas práticas acerca de certezas que servem de regras que desempenham papel normativo e semântico. Contudo, divergimos da autora precisamente na medida em que entendemos que direcionar a atenção para o fenômeno do gaslighting compreendendo-o enquanto uma injustiça prioritariamente epistêmica não faz jus a distinção categorial entre certeza e conhecimento.

Ademais, é compreensível que a autora na tentativa de articular uma noção tão cara a epistemologia contemporânea como a de injustiça epistêmica com a filosofia pragmatista wittgensteiniana, possa ter realizado certas concessões à tradição da qual a Fricker faz parte. Contudo, entendemos que a compreensão de que o gaslighting representa um dano a alguém especificamente em sua capacidade enquanto agente epistêmico apresenta duas dificuldades conceituais proeminentes, de maneira que essa perspectiva 1) não é suficiente para explicar o que significa experiência de perder a *certeza* em suas crenças mais fundamentais e 2) faz com que reconheçamos inadequadamente nosso sistema de crenças, nossas hinges, como que de alguma forma pertencendo ao âmbito epistêmico. Assim, é possível concluir que, diante do que foi exposto, o conceito geral de injustiça epistêmica tal qual formulado pela Fricker é, em grande medida, insuficiente para lidar com casos que extrapolam o âmbito epistemológico, que versam prioritariamente sobre nossas certezas e não sobre nosso conhecimento, uma vez que estes são distintos categorialmente na concepção de Wittgenstein<sup>12</sup>.

### 3.2 GASLIGHTING COMO UMA FORMA DE *VIOLÊNCIA GRAMATICAL*

Ao passo que já apresentamos argumentação da autora em função da compreensão do gaslighting enquanto uma forma de injustiça epistêmica e explicitamos nossa divergência concernente a incongruência entre suas reflexões e sua conclusão, estamos aptos a defender uma outra conceituação do fenômeno do gaslighting.

Isto posto, é curioso que Trächtler conclua por considerar que o gaslighting se trate apenas de um caso de injustiça, ao mesmo tempo que aponta o quão violenta esse tipo de prática é, como nas seguintes passagens: “[...] in gaslighting, the language game’s rules of ordinary discussions, which are defined by the framework of our epistemic practices, are *violated*: in a sense, it is

---

<sup>12</sup> É crucial pontuar que não estamos de forma alguma menosprezando a relevância e seminalidade desse conceito cunhado pela Miranda Fricker. Como visto em textos como Spear (2018), McKinnon (2017), Berenstain (2020), e Omran e Yousafzai (2023), este conceito é capaz de nos fornecer uma chave de leitura extremamente produtiva para compreender o gaslighting. Contudo, o que argumentamos aqui se restringe a defender que a Fricker e o Wittgenstein possuem visões divergentes concernentes à natureza de nossas práticas epistêmicas e como elas se fundamentam. Uma maior elaboração desse ponto talvez seja realizada em trabalhos futuros, posto que esta problemática está para além do escopo do presente trabalho.

playing ‘unfairly’ –and this is why gaslighting is an injustice of an epistemic nature” (Trächtler, 2022, p. 95, grifo meu) e

People who experienced gaslighting often describe this as feeling like they are losing their mind, they are no longer knowing what is true and what is false, what they can rely on and what to think –in a sense, being successfully gaslit means to even lose the certainty of the *Cogito* (cf. Cavell 1996, Ch. 1; Zemon Gass & Nichols 1988, 7; Sweet 2019, 860-863). (ibid., p. 99, grifo da autora)

A violação das regras que fundamentam nosso jogo de linguagem cotidiano que ocorre no gaslighting não se trata de uma violência conceitual, abstrata, mas de um ataque direto a todo um sistema de referências<sup>13</sup> com intenção de manipular e abalar um indivíduo. Fazer com que alguém ponha em questão a confiança que possui em sua memória, em sua capacidade de avaliar adequadamente situações, como nos casos de Iara e Ângela, presentes no exemplo 1 e 2, faz com que potencialmente seja encadeada uma série de autoquestionamentos generalizados a respeito de diversas outras crenças que uma pessoa possui, ao ponto que a vítima não consegue pensar em que mais pode confiar, o que ocasiona num cenário ideal para que o *gaslighter* exerça forte controle sobre sua vítima, como é explicitamente pontuado em um cenário hipotético pelo Wittgenstein nas seguintes passagens:

“Se a minha memória me engana *aqui*, então ela pode me enganar a respeito de qualquer coisa.” Se não sei *isso*, como então eu sei se minhas palavras significam aquilo que acredito que elas significam? “Se isto me engana, então o que ainda quer dizer “enganar”?” Em que é que posso confiar? (Wittgenstein, 2023, §506-508, grifo do autor)

Os impactos psicológicos do gaslighting são severos, podendo deixar sérias consequências em suas vítimas, ao ponto de autoras destacarem a possibilidade do ocasionamento de casos de depressão clínica (cf. Abramson, 2014, p. 23 e McKinnon, 2017, p.7). Diante disso, o conceito de injustiça não é suficiente para exprimir as dimensões do mal que o gaslighting representa para suas vítimas, é um termo demasiadamente brando para um contexto demasiadamente severo. Nesses termos, defendemos que a prática do gaslighting seja interpretada como um tipo de *violência*<sup>14</sup>. De modo que isso não se refere apenas a uma mera mudança terminológica, mas sim a uma proposta de abordagem mais adequada da gravidade dos danos decorrentes de casos de gaslighting, pois

<sup>13</sup> Sobre a forma com que nos valemos de regras, critérios ou normas para avaliação de nossas práticas, destacamos o artigo *Satz als Bild und Satz als Maßstab: Sobre o desenvolvimento normativo de uma metáfora* (2021) de Silva. Apesar de versar sobre noções da fase intermediária da filosofia de Wittgenstein, acreditamos que as reflexões apresentadas em torno dos usos da metáfora da régua (Maßstab), especialmente o exame realizado na seção IV que aborda a interpretação de Maßstab enquanto norma ou parâmetro de avaliação, se adequam às reflexões presentes no *Sobre a Certeza*.

<sup>14</sup> Uma análise aprofundada sobre a violência psicológica presente no gaslighting pode ser vista no texto *Gaslighting como violência psicológica: compreendendo o fenômeno sob a ótica da Análise do Comportamento* (Moreira e Oliveira, 2023).

apesar de concordarmos que o *gaslighting* se trata de uma injustiça, disso não se segue que seja algo violento. E o que intentamos é precisamente evidenciar a robustez dos danos resultantes dessa prática.

É interessante pontuar mais uma vez que apesar de não ser uma prática necessariamente sexista, notadamente mulheres tendem a ser o maior quantitativo dentre as vítimas. E na medida que caracteristicamente no *gaslighting* há a presença de manipulação e isolamento da vítima de modo a fazer com que a vítima, usualmente uma mulher, tenha suas ações e crenças manipuladas, possivelmente ocasionando em dano emocional e prejuízos à saúde mental, essa prática pode ser tipificada criminalmente enquanto um tipo de *violência* psicológica contra a mulher (cf. TJDF, 2022).

Entretanto, pensamos que somente reconhecer a prática do *gaslighting* enquanto um tipo de violência psicológica não é suficientemente coerente com os objetivos filosóficos do presente trabalho, ainda precisamos localizar de que forma esse tipo de violência se enquadra dentro do quadro conceitual pragmatista wittgensteiniano. Nesse sentido, consoante as críticas apresentadas anteriormente, argumentamos que essa violência não deva ser compreendida como incidindo prioritariamente sobre o âmbito *epistemológico*, mas sim sobre o âmbito *gramatical*. De maneira que, com isto buscamos explicar o impacto psicológico enquanto não apenas epistêmico, mas prioritariamente gramatical, agindo sobre a formação e desintegração de sentido de nossas práticas mais comuns.

Para iniciar a fundamentação dessa visão, apresentamos as seguintes seções presentes no *Sobre a Certeza* onde Wittgenstein reflete sobre o que significaria a descoberta de que algo fundamental para nós, como o nosso próprio nome, fosse falso: “Essa afirmação me parecia fundamental; se isso é falso, o que ainda é ‘verdadeiro’ e ‘falso’?! Se meu nome *não* é L. W., como posso confiar naquilo que se deve compreender por “verdadeiro” e “falso”?” (2023, §514-515). No trecho citado, é enfatizado que, num caso em que alguém tivesse dúvidas com relação às coisas mais fundamentais as quais acredita, essa pessoa não mais teria certeza quanto ao significado das palavras que articula, tais como “verdadeiro” ou “falso”, de modo que numa situação deste tipo, sequer faria sentido falar em verdade ou falsidade, pois a própria capacidade de veicular significado da pessoa teria sido comprometida.

Nesse contexto, o autor prossegue por questionar-se sobre a possibilidade de alguém ativamente incitar esse tipo de dúvida em outra pessoa, dúvidas a respeito de aspectos fundamentais de sua vida, e comenta que caso isso ocorresse, seria como tirar a pessoa de seus próprios eixos, desestabilizá-la, como questiona-se nas seguintes passagens:

Caso acontecesse algo (caso, por exemplo, alguém me dissesse algo) feito sob medida para despertar dúvidas em mim quanto a isso, então certamente também haveria algo que faria parecer duvidosos os fundamentos de tais dúvidas, e portanto eu poderia decidir manter minhas antigas crenças. Será que não seria possível, contudo, que acontecesse algo que me tirasse completamente dos trilhos? Uma evidência que me tornasse inaceitável aquilo que me é mais seguro? ou que tivesse o efeito de que eu pudesse por terra meus juízos mais fundamentais? (Se justificadamente ou não, é aqui completamente indiferente). (Wittgenstein, 2023, §516-517)

Dessa forma, entendemos que essa possibilidade mencionada pelo Wittgenstein adequa-se justamente ao que ocorre no *gaslighting*. De modo que, um caso de *gaslighting* bem sucedido pode ser interpretado como precisamente esse acontecimento capaz de fazer com que alguém seja retirado “completamente dos trilhos” e não só fizesse com que colocasse em dúvida, mas ativamente rejeitasse, seus “juízos mais fundamentais”, em função de concordar com o que seja que o *gaslighter* esteja reivindicando, por exemplo, que a vítima não deva confiar nem em si própria, nem em seus amigos mais próximos, como no exemplo de Iara.

Ainda sobre esse assunto, em outra seção, o autor afirma: “quem não tem certeza de nenhum fato também não pode ter certeza do sentido de suas próprias palavras” (ibid., §114). Num caso de *gaslighting*, onde as certezas de uma pessoa são abaladas sistematicamente e simultaneamente ao ponto da vítima não saber mais o que serviria de prova para sanar as dúvidas que a acometem, sua confiança em sua própria capacidade de fazer sentido com suas palavras é minada. A partir do momento que a gramática, o conjunto de normas compartilhadas que articula sistematicamente o sentido de nossas práticas linguísticas, dos nosso jogo de linguagem cotidiano é atacada, a possibilidade de jogarmos esse jogo é suspensa, uma vez que os parâmetros que regulamentam qualquer lance nesse jogo foram postos em dúvida. Dessa forma, podemos entender que tanto o sentimento de Ângela de que a repulsa que sentia por seu agressor não fazia sentido, quanto o sentimento de Iara de que não só fazia sentido desconfiar de si própria e de seus amigos, como também não fazia sentido desconfiar de seu namorado, são consequências diretas da violação, tácita ou não, das normas que articulam o significado de nossas práticas que ambas sofreram.

Nesse contexto, podemos reconhecer que a violência presente no *gaslighting* faz com que não somente sejamos atacados em nossa capacidade enquanto conhecedores, mas enquanto agentes racionais capazes de veicular significado através de nossas palavras. Os danos epistêmicos decorrentes do *gaslighting* são explicados enquanto *consequências* de uma violência ainda maior, a violação que é a deslegitimação de alguém enquanto agente racional, fazer com que alguém não se reconheça enquanto capaz de veicular significado, de fazer inferências significativas, de fazer sentido. Incitar alguém a pôr em dúvida sua própria capacidade de fazer sentido em suas asserções através

da dúvida proposital dos usos mais cotidianos e dos métodos mais triviais de verificação de verdade, pode ser visto, em última instância, como a aniquilação proposital de suas hings, de seus parâmetros, conseqüentemente do sentido<sup>15</sup>. Dessa forma, a vítima de gaslighting se encontra em uma situação extremamente vulnerável, propensa a sanar suas dúvidas depositando toda sua confiança em seu agressor, o que torna o gaslighting um tipo de violência difícil de ser identificada pela própria vítima e, uma vez reconhecida, ainda mais difícil de se libertar sem auxílio externo.

Ao passo que o gaslighting faz com que emergjam dúvidas práticas a respeito das hings que fundamentam nossa própria capacidade de articular dúvidas significativamente, defendemos que o gaslighting seja melhor compreendido enquanto uma forma de *violência gramatical*. De modo que, mesmo reconhecendo a presença de uma série de elementos epistêmicos envolvidos nessa prática, argumentamos que estes devem ser entendidos como conseqüências da violência exercida sobre a capacidade da vítima de confiar em suas juízos mais básicos, o que conseqüentemente desarticula a própria possibilidade de se fazer sentido. Além disso, a confiança aqui referida se encontra para além de nossas práticas de justificação cotidiana, pois apesar de apresentar-se na forma de proposições empíricas, em verdade nossa autoconfiança em nossas capacidades cognitivas e racionais exerce o papel de fundamento, de norma, de parâmetro, pelo qual julgamos e realizamos nossas práticas epistêmicas. De maneira que se apresenta enquanto inadequada a atribuição de caráter epistêmico a esse fundamento, pois “se o verdadeiro é o fundamento, então o fundamento não é *verdadeiro*, nem falso.” (Wittgenstein, 2023, §205, grifo do autor).

Não é por acaso que, notadamente, “characteristic cases of gaslighting involve multiple occurrences over a longer period of time, manipulation of the social environment of the gaslightee and (gradual) isolation of the gaslightee, which further attacks their epistemic self-trust (cf. Abramson 2014, 2)” (Trächtler, 2022, p. 97). Consoante a própria autora destaca, o isolamento que o gaslighter provoca em sua vítima é fator crucial para a deixar vulnerável a se auto questionar sobre sua própria confiança em suas crenças mais básicas, contudo, para além da autoconfiança epistêmica que a autora aponta, os tópicos sobre os quais a confiança da vítima é abalada no gaslighting possuem estatuto lógico-gramaticais; da mesma forma que não “sabemos” o que o Moore diz saber com certeza, mas apenas temos tais coisas como certas em nossas práticas linguísticas.

<sup>15</sup> Com relação ao uso do termo “aniquilamento”, fazemos eco a compreensão de qual seria o objetivo do gaslighting apresentada pela Abramson, a qual compreende que o caso paradigmático de gaslighting é “one in which the gaslighter *wholeheartedly, constantly and consistently* aims at the destruction [of] his or her target’s standing to issue challenges [...]” (2014, p.14, grifo da autora). Nesse sentido, estamos de acordo com o seguinte comentário apresentado por Spear quanto a esse tópico: “It would be possible to ‘destroy’ another’s standing to issue challenges by simply killing them, or administering mind-controlling drugs, or undermining her credibility with others in relevant social contexts, but the gaslighter wants more than this: he is specifically out to achieve a change of attitude in his victim towards herself” (2018, p. 7).

Nesse sentido, na medida que o “gaslighting involves a shift from the factual level of the conversation to the personal level by disqualifying the cognitive faculties of the other person and thus the basis of their utterances” (Trächtler, 2022, p. 94), e essa base, que não é nem verdadeira, nem falsa, se trata precisamente do solo que viabiliza nossas práticas linguísticas, podemos entender o gaslighting enquanto uma prática que incide sobre os fundamentos das nossas fundamentações, sobre as normas que articulam o significado das nossas práticas linguísticas, sobre nossa gramática.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao nos atentarmos às implicações oriundas da compreensão de que existe uma diferença categorial entre certeza e conhecimento, pudemos delinear o que significa dizer que as perguntas que fazemos, as justificativas que fornecemos, somente fazem sentido na medida em que são reconhecidas enquanto possíveis lances linguísticos significativos dentro de nossa gramática. Nesse sentido, algo que venha a fazer com que um indivíduo ponha em dúvida certezas que fundamentam nosso jogo de linguagem cotidiano, conseqüentemente também põe em dúvida a capacidade desse indivíduo sequer jogar o jogo, fazendo com que o mesmo chegue ao ponto de se enxergar, em muitos casos, enquanto irracional ou louco. E essa é precisamente a situação com a qual nos deparamos nos gaslighting.

Desse modo, foi possível concluir que atrelar ao gaslighting o estatuto de injustiça é insuficiente com o quão nociva essa prática realmente pode ser. No gaslighting, é como se a vítima não somente cortasse o galho no qual está sentada<sup>16</sup>, como também não conseguisse cair no solo, muitas vezes permanecendo suspensa no ar sem ter ao que se agarrar, a não ser à mão estendida para ela de seu agressor, que a garante segurança, mas que, em verdade, foi quem sugeriu e forneceu material para que inicialmente a vítima cortasse seu próprio galho. Nessa metáfora, fica explícito o papel fundamental da presença de outras pessoas que não compactuam com o que é reiterado enfaticamente pelo *gaslighter* para que se possa sair desta situação; a relevância da presença de uma rede de apoio compostas de outros agentes de confiança para lidar com casos de gaslighting diz respeito ao caráter público e coletivo da gramática que fundamenta nossas interações sociais e epistêmicas.

Por fim, concluímos que apesar de concordarmos com a série de reflexões apresentadas pela Trächtler ao longo do texto a respeito da natureza de nossas dúvidas, divergimos precisamente na medida em que ela conclui por enfatizar os danos causados pelo gaslighting enquanto

---

<sup>16</sup> No presente contexto, estamos notadamente nos valendo uma metáfora apresentada na seção §55 das *Investigações Filosóficas* (2022), contudo utilizando-a em um outro contexto, e uma vez que entendemos que o significado de expressões linguísticas é dado por seu uso, estamos ressignificando-a.

primariamente epistêmicos. Em contraposição, argumentamos que ao destacarmos que a violência presente no gaslighting possui caráter distintamente gramatical, passamos a compreender mais adequadamente o que significa a experiência angustiante de perda da capacidade de fazer sentido presente no gaslighting.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMSON, K. **Turning Up the Lights on Gaslighting**. *Philosophical Perspectives*. v. 28, p. 1–30, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/phpe.12046>.
- BERENSTAIN, N. White feminist gaslighting. *In: Hypatia*, v. 35, n. 4, p.733-758, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/hyp.2020.31>
- BRANDON, R. **Articulating reasons: an introduction to inferentialism**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Making It Explicit: Reasoning, Representing, & Discursive commitment**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- CALEF, V; WEINSHEL, E, M. Some Clinical Consequences of Introjection: Gaslighting. *In: The Psychoanalytic Quarterly*, v. 50, n. 1, p. 44–66, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1080/21674086.1981.11926942>
- DAVIS, A. M; ERNST, R. Racial gaslighting. *Racial gaslighting. Politics, Groups, and Identities*, v. 7, n. 4, p. 761-774, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/21565503.2017.1403934>.
- DESCARTES, R. **Meditações sobre filosofia primeira**. Tradução de Fausto Castilho. 1. ed. Campinas: Unicamp. 2000.
- FRICKER, M. **Epistemic Injustice: Power and Ethics of Knowing**. New York, NY: Oxford University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. Evolving Concepts of Epistemic Injustice. In: I. Kidd, J. Medina & G. Pohlhaus, eds., **The Routledge Handbook of Epistemic Injustice**. London: Routledge, p. 53-60, 2017.
- “GASLIGHT”. *In: APA Dictionary of Psychology*. Washington, D.C., 2023. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/gaslight>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- GLOCK, H-J. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- JOURDAN, C; ROSA, M. Gramática e necessidade. *In: O que nos faz pensar*. v. 22, n. 33, p. 164-184, jun. 2013.
- MOREIRA, J. L. de F. M.; OLIVEIRA, P. G. Gaslighting como violência psicológica: compreendendo o fenômeno sob a ótica da Análise do Comportamento. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, v. 14, n.1, p. 49–67, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18761/pac29a09>.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MCKINNON, R. Allies Behaving Badly: Gaslighting as Epistemic Injustice. In: I. Kidd, J. Medina & G. Pohlhaus, eds. **The Routledge Handbook of Epistemic Injustice**. London: Routledge, 2017, p. 167–174.

MOORE, G. E. **A Defense of Common Sense**. In: *Philosophical Papers*. London: George Allen & Unwin Publishers, 1959a.

\_\_\_\_\_. **Proof of an External World**. In: *Philosophical Papers*. London: George Allen & Unwin Publishers, 1959b.

\_\_\_\_\_. **Prova de um mundo exterior**. In: Coleção: Os Pensadores. Tradução de Luiz João Baraúna e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985a.

\_\_\_\_\_. **Uma defesa do senso comum**. In: Coleção: Os Pensadores. Tradução de Luiz João Baraúna e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985b.

MOYAL-SHARROCK, D. Wittgenstein on Knowledge and Certainty. In: GLOCK, HANS-JOHANN; HYMAN, J. (ed.). **A Companion to Wittgenstein**. New Jersey: John Wiley & Sons, Ltd., p. 547-562, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118884607.ch35>.

OMRAN, W; YOUSAFZAI, S. Navigating the twisted path of gaslighting: a manifestation of epistemic injustice for Palestinian women entrepreneurs. **Human Relations**, 20 nov. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/00187267231203531>.

RUIZ, E. Cultural gaslighting. **Hypatia**, v. 35, n. 4, p. 687 - 713, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/hyp.2020.33>.

SCHEMAN, N. Epistemologia Feminista. Tradução de Rafaela Missaggia Vaccari e Gisele Dalva Secco. **Revista Ideação**, v. 1, n. 42, p. 30–44, dec. 2020. DOI: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i42.5058>.

SILVA, M. Satz als bild und satz als maßstab: sobre o desenvolvimento normativo de uma metáfora. In: **ANALYTICA**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 252-270, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.35920/1414-3004.2021v25n2-2p84-102>.

SPEAR, A. Epistemic Dimensions of Gaslighting: Peer-Disagreement, Self-Trust, and Epistemic Injustice. **Inquiry**, v. 66, n. 1, ago. p. 68-91, ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2019.1610051>.

STARK, C. A. Gaslighting, misogyny, and psychological oppression. **The Monist**, v. 102, n. 2, p. 221–235, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/monist/onz007>.

STROLL, A. **Moore and Wittgenstein On Certainty**. New York: Oxford University Press, 1994.

VIOLÊNCIA psicológica. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF**, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/violencia-psicologica>. Acesso em: 04 fev. 2024.

TRÄCHTLER, J. From doubt to despair – a wittgensteinian perspective on gaslighting. In: LAUGIER, P; PROVOST, M; TRÄCHTLER, J. (ed.). **Nordic Wittgenstein Review**, Special Issue: Wittgenstein and Feminism, p. 75-102, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15845/nwr.v11.3632>.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de Giovane Rodrigues, Tiago Trajano. São Paulo: Fósforo, 2022.

\_\_\_\_\_. **On certainty/ über Gewissheit.** Tradução de G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1969.

\_\_\_\_\_. **Sobre a certeza.** Tradução de Giovane Rodrigues, Tiago Trajano. São Paulo: Fósforo, 2023.